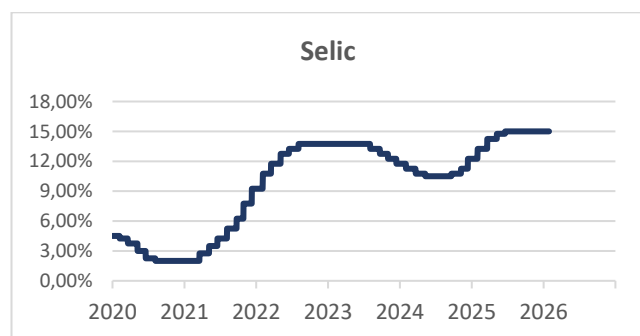


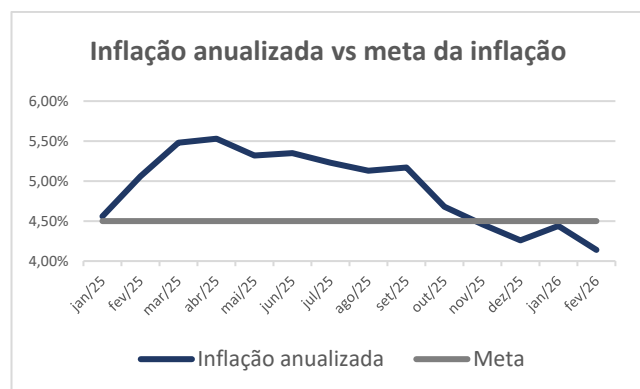
CENÁRIO MACRO BRASIL

No mês de fevereiro, a taxa de juros do Brasil permaneceu inalterada diante de um ambiente de juros ainda restritivo no Brasil. Sua última reunião, o Comitê de Política Monetária (Copom) decidiu manter a taxa Selic em 15,00% ao ano, decisão amplamente esperada pelo mercado. Apesar dos sinais de desaceleração gradual da inflação ao longo dos últimos meses, o Banco Central continua reforçando a necessidade de cautela na condução da política monetária.



O Banco Central confirmou em sua última ata que está caminhando para o início de um ciclo de cortes da taxa Selic, apontando que a flexibilização da política monetária será gradual e de acordo com os sinais de arrefecimento das pressões inflacionárias. Diante desse cenário, o mercado agora volta suas atenções para a próxima reunião do Copom, que ocorrerá no mês de março.

Em fevereiro, a prévia da inflação oficial, medida pelo IPCA-15, registrou alta de 0,84% segundo o IBGE, o que representa avanço em relação ao mês anterior, quando ficou em 0,20%. Com esse resultado, o IPCA-15 passou a acumular 4,14% em 12 meses. O resultado segue acima da meta do Banco Central de 3%, porém, dentro do limite superior. O acumulado do mês é menor do que os 4,50% registrados em janeiro.



No mercado de câmbio, o dólar encerrou o mês com uma queda de -2,39% frente ao real, atingindo o mínimo de R\$5,12 e o máximo de R\$5,27, fechando o mês em R\$5,13.

A desvalorização da moeda norte americana tem sido alimentada pela entrada de recurso estrangeiro no índice Ibovespa. Parte relevante desse fluxo vem de investidores oportunistas, que estão apenas buscando aproveitar o rali de alta da bolsa brasileira.

No mercado local, o Ibovespa registrou seu sétimo mês consecutivo de alta, novamente impulsionado pelo fluxo de capital estrangeiro, encerrando o mês com valorização de 4,09% e renovando seu recorde histórico tocando nos 191.005 mil pontos. Grande parte dos recursos ingressaram via *ETF'S*, resultando em um volume financeiro de R\$35,6 bilhões durante o mês. Os aportes concentraram-se principalmente para as *blue chips* como Petrobras, Vale e os bancos. No período, 8 papéis registraram valorização superior a 10%. Entre os destaques positivos estiveram MRV (MRVE3) com valorização de 23,67% visto um cenário para juros e visões positivas para o Minha Casa Minha Vida, Suzano (SUZB3), Vivo (VIVT3), Tim (TIMS3), Axia (AXIA3), PetroRecôncavo (RECV3) e Copel (CPLE3). Em contrapartida, ações da Raizen (RAIZ4) se destacam com desvalorização de -32,98%. A empresa recebeu sucessivos rebaixamentos de *rating* de crédito e enfrenta um alto nível de endividamento junto a uma forte deterioração financeira, registrando um prejuízo trimestral de cerca de R\$15,6 bilhões e uma dívida superior a R\$50 bilhões. As controladoras Cosan e Shell indicaram disposição em apoiar financeiramente a companhia, o que ajudou a reduzir ligeiramente parte das preocupações do mercado sobre um possível evento de crédito mais grave. Empresas como Cogna (COGN3), Hapvida (HAPV3), Minerva (BEEF3), CSN (CSNA3), Smart Fit (SMFT3), GPA – Pão de Açúcar (PCAR3) e Totvs (TOTS3) também se destacam com baixas superiores a 10%.

No mês de fevereiro:

- Selic: 15,00%
- IPCA: +0,84% (Acumulado de 4,14% em 12 meses)
- Ibovespa: +4,09% (188.786 pontos)

Em paralelo a visão macroeconômica do mês, o fundo imobiliário KNCR11 (Kinea Investimentos) concluiu sua décima segunda emissão de cotas, com a maior captação já feita por um fundo imobiliário na indústria brasileira, totalizando R\$3,2 bilhões. Se tornando o maior FII da B3.

CENÁRIO MACRO GLOBAL

A taxa de juros americana permaneceu inalterada em fevereiro, na faixa de 3,50% a 3,75%, com o mercado agora voltado para a reunião do FOMC nos dias 17 e 18 de março. Contudo, o cenário ganhou complexidade após a Suprema Corte declarar ilegais as tarifas impostas por Donald Trump em 2025, sob o argumento de que o poder de tributar pertence ao Congresso. Em resposta, o presidente anunciou novas tarifas globais de 10% a 15% em 20 de fevereiro, fundamentadas na Lei de Comércio de 1974, elevando a tensão institucional e o prêmio de risco sobre os ativos americanos.

A entrada em vigor dessas novas tarifas em 24 de fevereiro provocou reações imediatas, como a suspensão de acordos comerciais pela União Europeia e críticas sobre o impacto inflacionário para o consumidor final. No discurso do Estado da União em 25 de fevereiro, Trump desafiou o Legislativo ao afirmar que a aprovação do Congresso não será necessária para manter as taxas após o prazo legal de 150 dias. Para o mercado, essa postura centralizadora e o uso de ordens executivas em detrimento do processo legislativo aumentam a incerteza sobre a estabilidade econômica e a trajetória da inflação global.

O Índice de Preços ao Consumidor (CPI) dos EUA registrou alta de 0,2% em janeiro, acumulando 2,4% em 12 meses — ambos os números ligeiramente abaixo das expectativas do mercado (0,3% e 2,5%, respectivamente).

Apesar do arrefecimento em relação aos 2,7% de dezembro, a dinâmica inflacionária ainda reflete o repasse das tarifas de importação e a resiliência do mercado de trabalho, que viu a taxa de desemprego recuar para 4,3%. A divulgação do relatório, atrasada por uma breve paralisação do governo federal, reforça que, embora a volatilidade dos dados esteja diminuindo, os indicadores de inflação permanecem acima da meta de 2% do Fed, sustentando a cautela da autoridade monetária para os próximos meses.

O déficit comercial dos EUA saltou 33% em dezembro, encerrando 2025 em US\$ 901,5 bilhões — um patamar praticamente idêntico ao de 2024 (US\$ 903,5 bilhões), apesar da política tarifária agressiva de Donald Trump. Ao longo do ano, o indicador apresentou forte volatilidade, refletindo a antecipação de importações por empresas que estocaram produtos antes da entrada em vigor das novas taxas. Embora o governo tenha celebrado mínimas pontuais em outubro, o aumento das importações de ouro, farmacêuticos e equipamentos de TI no final do ano neutralizou os ganhos, evidenciando que, até o momento, as tarifas não foram capazes de reduzir estruturalmente o desequilíbrio comercial americano, mesmo com as projeções otimistas do presidente para 2026.

VISÃO GERAL NEWPORT

Em fevereiro, diminuímos a nossa exposição em renda fixa pós fixada para neutro, em função da aproximação do possível início do ciclo de corte de juros pelo Banco Central. Apesar desse cenário, optamos por manter uma postura equilibrada, atentos aos fatores macroeconômicos que podem impactar diretamente a dinâmica da inflação e, conseqüentemente, a condução da política monetária. Nas demais classes de ativos, renda fixa pré-fixada, renda fixa IPCA, multimercados, ações Brasil, ações offshore, bonds e fundos imobiliários não sofreram alterações.

NEWPORT -CAPITAL-	UW	Neutro	OW	Variação
	-	N	+	
Renda Fixa Pré	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	—
Renda Fixa Pós	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	▼
Renda Fixa IPCA	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	—
Multimercado	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	—
Ações Brasil	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	—
Ações Offshore	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	—
Bonds	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	—
FII	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	—

LEGENDA:

UW = Underweight

OW = Overweight

N = Neutro

Reduziu

Manteve

Aumentou